

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
27 e 31 de Maio de 2024
A CINEMATECA COM O INDIELIEBOA: RETROSPECTIVA MFA

CAMPANHA DE DINAMIZAÇÃO CULTURAL E AÇÃO CÍVICA DO MFA NO ALTO MINHO / 1975

De realizador não identificado

Imagem (16 mm, preto & branco), / Montagem e som: não identificados no genérico.

Produção: RTP (Rádio-Televisão Portuguesa) / Cópia: digital (transcrita do original em 16 mm), versão original com legendas em inglês / Duração: 19 minutos / Estreia mundial: RTP, 1975, em dia e mês não identificados / Primeira apresentação na Cinemateca.

ATTICA / 1974 **Attica**

Um filme de Cinda Firestone

Argumento e montagem: Cinda Firestone / Directores de fotografia (16 mm, preto & branco e cor): Roland Barbes, Jay La Marche; fotografia adicional de Mary Lampson, Jesse Gooddman, Kevin Keating, Paul Glushanok, Carol Stein / Som: Bruce Soloway, Mary Lampson.

Produção: Attica Films (Nova Iorque) / Cópia: digital (transcrita do original em 16 mm), versão original com legendas em português / Duração: 80 minutos / Estreia mundial: Estados Unidos, Abril de 1974 / Estreia em Portugal: Lisboa (cinema Universal), 1 de Fevereiro de 1975 / Primeira apresentação na Cinemateca: 19 de Junho de 2014

Campanha de Dinamização Cultural e Ação Cívica do MFA no Alto Minho

Desprende-se desta interessantíssima reportagem televisiva (e por isso mesmo não assinada) uma agradável impressão de serenidade, embora tenha sido realizada no decorrer dos nove meses de 1975 em que a situação política em Portugal conheceu momentos de extrema tensão. O Alto Minho, onde foi feita parte da “campanha de dinamização cultural e ação cívica” do Movimento das Forças Armadas, passava por ser uma das regiões mais avessas aos slogans revolucionários. É verdade que, de modo tipicamente televisivo, não ouvimos os habitantes da região (e mal vemos alguns poucos) mas o discurso sereno e racional dos jovens oficiais entrevistados é uma prova cabal de que naquele espaço eles não eram hostilizados. A razão é fácil de perceber: tinham consciência que para ganhar a confiança daqueles camponeses tinham de realizar ações concretas em vez de debitar discursos “revolucionários”, como diz com toda a clareza um dos oficiais: “*precisamos de atos e não de palavras para convencê-los*”. Estes atos (de que não vemos exemplos concretos, mas pouco importa) consistem em começar por alterar as terríveis condições em que viviam aquelas pessoas, consequência do pacto social salazarista que deixava boa parte da população do país diante da escolha entre emigrar ou morrer à fome (e o Minho foi uma das regiões de onde mais se emigrou durante todo o século XX). Por isso, além de dar informações essenciais aos espectadores da época, a reportagem refresca de modo salutar a memória do espectador de hoje sobre as condições em que vivia boa parte da população, com exemplos concretos tais

como: uma professora que tem de andar três horas a pé para dar aulas, doentes levados aos hospitais às costas de parentes durante outras três horas. Ficamos a saber, como era de se prever, que os políticos nunca iam ver aquelas pessoas e se informarem sobre os seus problemas, o que levou os militares (que costumam ter uma noção bastante clara das realidades nacionais) a assumirem a função de explicarem o que era o novo regime a uma velha população.

Apesar de uma atitude ligeiramente paternalista, inerente ao raciocínio militar, sobretudo numa missão que em boa parte é pedagógica, a atitude de todos os entrevistados é prudente e não invasiva, mesmo quando são usadas expressões como “*fazer um reconhecimento militar*” e “*agrupamentos táticos*” ou quando um deles, “*como opinião pessoal*”, propõe soluções inspiradas no regime cubano (“*em certos países latino-americanos*”), cujo prestígio ainda era altíssimo. O plano final é ao mesmo tempo *naïf* e eficaz: uma família de camponeses que acena para o avião que leva os militares.

Attica

Ainda não inteiramente esquecida mais de meio século depois de ter acontecido, a revolta dos prisioneiros da penitenciária de Attica, no Estado de Nova Iorque, em Setembro de 1971, que terminou num massacre visivelmente deliberado por parte da polícia, tornou-se um dos símbolos das lutas políticas daqueles tempos, embora se tratasse de prisioneiros de direito comum. Felizmente, Cinda Firestone fez este documentário antes que a indústria do entretenimento se apossasse do caso e fizesse uma ou mais ficções sobre o tema, como fatalmente aconteceu, com dois telefilmes, um de 1980, o outro de 1994, além de outro muito mais tardio, de 2014. E além do filme de Cinda Firestone, foram feitos três outros documentários, em 1976, 2001 e 2013, o que mostra como o episódio marcou o imaginário americano. Os lucros do filme de Cinda Firestone foram destinados ao fundo de solidariedade com os reclusos, que ainda tiveram as suas penas seriamente aumentadas devido ao motim.

Nascida numa riquíssima família (o seu apelido não é exatamente desconhecido dos automobilistas), Cinda Firestone tinha 23 anos e acabara de ser assistente de montagem de **Painter’s Painting**, de Emile de Antonio, quando ocorreram os acontecimentos de Attica e ela realizou de imediato o seu filme. Depois realizou três curtas-metragens sobre o envelhecimento, que reuniu num tríptico e se retirou por muitos anos, antes de reaparecer como autora de peças de teatro e em festivais diversos, devido a um novo interesse por **Attica**, que é um dos clássicos do cinema documentário americano dos anos 70 – um período em que a escola documentária americana parecia bem mais vigorosa do que a europeia - ao lado de títulos como **Harlan County**, **The Grey Garden** ou **Gimme Shelter**.

A maturidade do filme é impressionante, tratando-se de uma primeira obra de alguém tão jovem e sobretudo tratando-se de um documentário sobre um tema que se presta facilmente às simplificações ideológicas, já que põe frente a frente, coabitando num mesmo espaço, a prisão, dois grupos ao mesmo tempo inimigos e cúmplices de um mesmo sistema de opressão e busca de lucros, numa relação sado-masoquista que resume num modo extremo as relações sociais: quando aqueles homens que estavam no grau mais baixo da sociedade ousaram sair do “seu” lugar, foram mandados de volta para lá com a mais absoluta brutalidade. Viram quem mandava e sobretudo viram como se mandava. O fato do então governador de Nova Iorque, Nelson Rockefeller, ser um dos líderes da ala moderada dos Republicanos (além de ser um grande colecionador de arte moderna) não o impediu de autorizar a intervenção policial, obrigando-o a justificar posteriormente a sua violência. A maturidade que o filme revela é quase milagrosa quando se conhece o grau de simplismo ideológico que reinava nos anos 70. Num belo paradoxo, há um eco comovente deste simplismo numa das utópicas reivindicações dos revoltados: “*ir para um país não imperialista*”, misturada a outras reivindicações mais concretas, como o direito de tomar mais de um duche por semana.

O método de trabalho de Cinda Firestone é bastante semelhante ao de Emile de Antonio, um dos mestres do documentário político americano e do documentário *tout court* nos seus filmes mais famosos, como **Point of Order**, **Rush to Judgement**, **In The Year of the Pig** e **Milhouse, a White Comedy**: deixar que os fatos fluam e agir de maneira a que estes revelem o seu sentido. Evidentemente, a voz *off* explicativa, que se tornaria uma das pragas mais daninhas do género documentário, está totalmente ausente de **Attica**, pois é um sinal inequívoco de que se subestima a inteligência do espectador: a voz *off* diz-lhe aquilo que ele deve pensar, impedindo o seu próprio exame dos factos. Outro princípio fundamental do trabalho de Emile de Antonio, aqui retomado, é partir sempre dos sons e das imagens existentes, sem que isto signifique obviamente que se escamoteie aquilo que não foi registrado pelas câmaras e microfones: no caso de **Attica**, o massacre dos prisioneiros tem um efeito extremamente forte apesar da sua ausência visual, na verdade mais forte do que se tivesse sido filmado, pois em vez da violência física, que leva o espectador a desviar os olhos, sobressai a violência ideológica. No entanto, como a revolta e o inquérito que se seguiu tiveram enorme cobertura mediática, o material existente era abundante, inclusive com diversas passagens filmadas no pátio do presídio, durante o motim. A isto foi acrescentado material filmado pela realizadora, como os testemunhos dos ex-prisioneiros sobreviventes. Às imagens, nunca realmente oficiais e originárias de diversas fontes, junta-se a palavra, dividida entre os testemunhos dos sobreviventes e o discurso oficial. O contraste é marcante entre os longos silêncios que precedem as denegações de alguns responsáveis policiais diante da comissão de inquérito e a franqueza de Nelson Rockefeller numa conferência de imprensa (*“assumo a responsabilidade daquilo que autorizei”* e subentendido: agora vamos falar de outra coisa). O contraste é ainda mais marcante entre as justificações dos policiais e a narrativa de alguns ex-reclusos, que falam de modo racional, pausado, sem vociferar, recapitulando os acontecimentos numa narrativa credível. Para as autoridades, trata-se única e exclusivamente de uma questão de imagem e comunicação: como a revolta foi extremamente mediatizada, o massacre que se seguiu também o foi e só se tornou um problema porque se soube da sua existência. Isto explica os silêncios: é preciso pesar cada palavra antes de a proferir, para não ser levado a dizer aquilo que não se quer. Como era inevitável e previsível, um dos ex-reclusos tem um discurso mais violento e radical, de revolta cega, que de maneira extremamente americana atribui toda aquela opressão a causas puramente raciais, pondo de lado a questão social. Mas este discurso não pode ser escamoteado, já que nada tinha de minoritário e proporciona um *raccord* perfeito com o desenlace do filme: uma homenagem no Harlem às vítimas do massacre, firme e silenciosa, em forma de cortejo fúnebre. É uma maneira inteligente de inserir no filme a ideia de que a luta continua, porém sem a explicitar num discurso simplório, uma maneira também de passar de um caso específico a uma luta geral sem as ilusões messiânicas dos amanhã que cantam e da *grande noite* da revolução. Cinda Firestone fez um filme sobre fatos concretos a partir de imagens e sons concretos, mas soube perfeitamente bem mostrar o que de há de mais geral no caso específico da revolta e do massacre de uma prisão no Estado de Nova Iorque.

Antonio Rodrigues